

# Um tempo de aprendizado e desenvolvimento

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

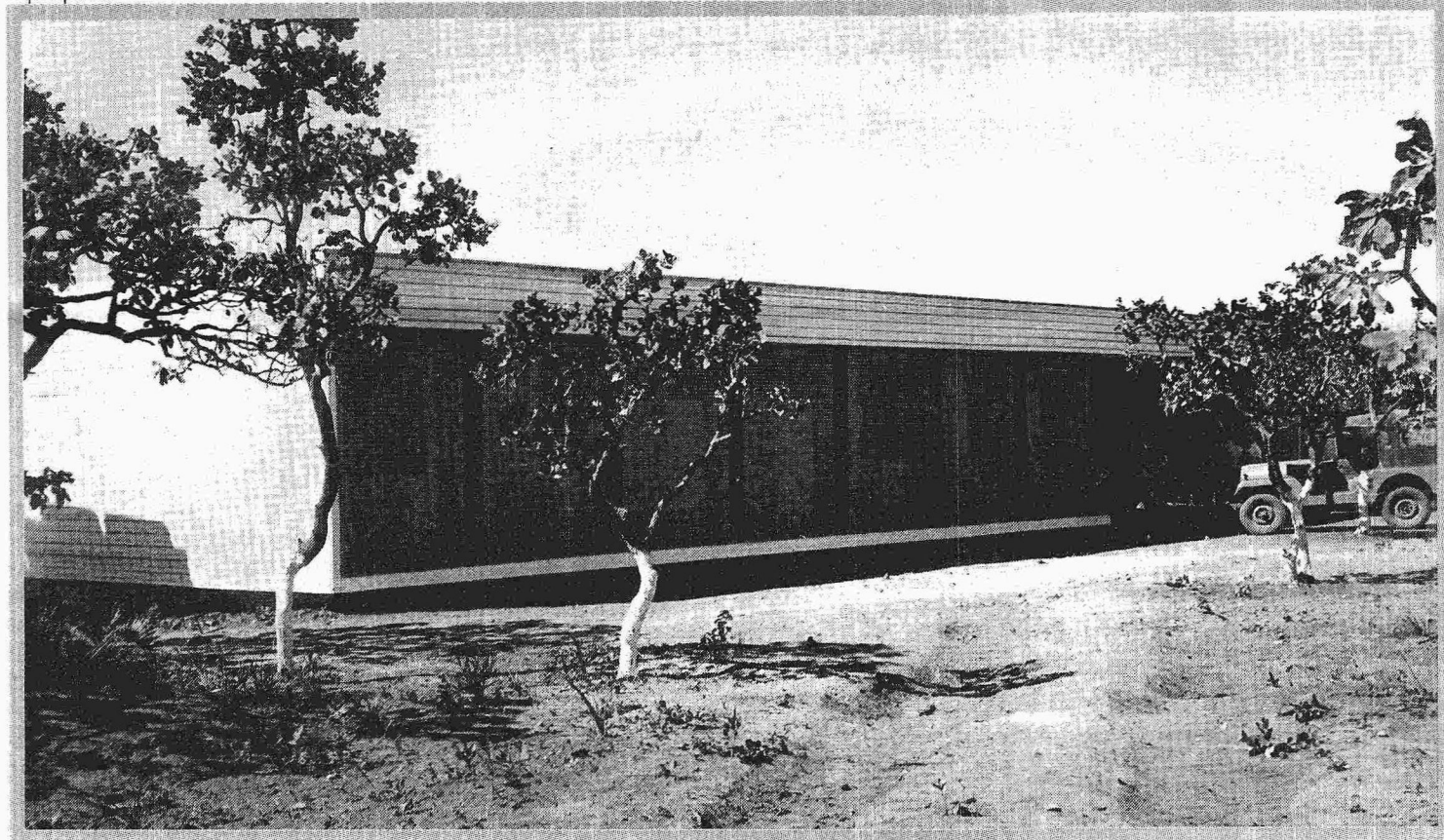
O nome deste pioneiro está ao lado de outros grandes mestres da arquitetura de Brasília. A vida de Milton Ramos está intimamente ligada à história da construção da nova capital. Foi aqui que o arquiteto encontrou espaço e inspiração para colocar em prática as técnicas aprendidas na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro.

Um mês depois de se formar, em dezembro de 1958, ele chegava a Brasília a bordo do quadrimotor Viscount, de fabricação inglesa, decidido a desafiar o cerrado e construir sua carreira. “Meus colegas sempre me perguntavam se eu tinha refletido bem para trocar o Rio pelo mato”, conta Milton. A resposta era sempre a mesma: “Eu vou de qualquer jeito”.

O imenso vazio e o grande descampado deixaram o visitante um pouco desorientado e pequeno diante da grandiosidade do planalto. “Aqui era tudo plano, sem acidentes geográficos, bem diferente do Rio”, lamenta o carioca.

A familiaridade com a profissão e a aplicação das técnicas aconteceram muito rápido. Contratado lá mesmo no Rio de Janeiro para trabalhar na Peder-

Arquivo pessoal



neiras — construtora responsável por grandes obras na capital —, o candango passava o dia todo nas construções da Vila Planalto, onde projetou e executou as casas dos engenheiros que iriam erguer a cidade. “Lá, tomávamos café da manhã e almoçávamos. Íamos pra casa mesmo só para dormir”, relata. Nessa época, o pioneiro morava no elegante Brasília Palace, com tudo pago pela empresa. O hotel também servia de lazer, onde se reuniam engenheiros e arquitetos para um bom bate-papo ou uma simples reunião.

Terminadas as residências da

Vila Planalto, ele se mudou para o alojamento dos solteiros, lá mesmo na Vila, ao lado de outros colegas. O projeto do alojamento, de sua autoria, era todo em madeira forrada com chapas de eucatex, do lado de dentro. Por fora, a madeira de pinho do Paraná dava um ar de rusticidade às casas. O arquiteto cuidou dos mínimos detalhes das residências. Como os operários improvisavam as refeições no próprio local de trabalho, a cozinha tinha tamanho reduzido e funcionava ao lado da sala de estar.

Nem só de trabalho viviam os pioneiros, as poucas e raras ho-

ras de lazer eram bastante aproveitadas. Para fazer a diversão dos engenheiros e arquitetos, a construtora providenciava o transporte de algumas moças de Formosa — a cidade mais próxima — para festejar as noites de São João e fazer a alegria dos solteiros dos acampamentos. Terminada a folga, o jeito era voltar à lida.

Outro importante trabalho realizado pelo pioneiro, logo na chegada, foi o do Palácio Itamaraty, projetado por Oscar Niemeyer. A elaboração do projeto executivo e os detalhes da obra são de autoria do desbravador, que

**ALOJAMENTO DE SOLTEIROS  
NA VILA PLANALTO, QUE  
MILTON PROJETOU E MAIS  
TARDE MOROU**

também é autor do projeto do Aeroporto de Confins, em Belo Horizonte.

“O trabalho era sempre muito exaustivo e não tínhamos tempo para nada”, lembra Milton, que ficava impressionado com a solidariedade entre os engenheiros. “Muitas vezes faltavam



# Formado em Arquitetura, o pioneiro veio do Rio de Janeiro para Brasília em 1959, para trabalhar na construtora Pederneiras, responsável por grandes obras na capital

**FOI EM UMA DAS OBRAS QUE TRABALHOU QUE MILTON CONHECEU A ESTUDANTE DE MEDICINA ANTONIETTA, COM QUEM SE CASOU, TEVE FILHOS E VIVE ATÉ HOJE CURTINDO OS NETOS**

ferramentas, e um sempre ajudava o outro emprestando os materiais”, tudo para entregar as obras a tempo da inauguração e fazer a alegria do grande idealizador. Para o arquiteto, Juscelino era um homem dinâmico e contagiava os operários com seu entusiasmo e “todos que estavam no mesmo barco tinham o mesmo espírito”.

O pioneiro teve o privilégio de conhecer JK quando executava a obra do Hospital Distrital — atual Hospital de Base. Foi lá também que o então novo morador conheceu a futura esposa numa das vindas de residentes ao hospital. O amor pela estudante de medicina foi quase à primeira vista. O casamento aconteceu pouco tempo depois no Recife, terra natal da noiva.

Após a lua-de-mel, eles foram morar em uma nova casa na Vila Planalto, bem mais espaçosa que o alojamento dos solteiros, com dois quartos, cozinha, banheiro, sala e varanda.

O ritmo acelerado e a movimentação em torno das obras com a inauguração da nova capital diminuíram, mas o prestígio e o reconhecimento dos trabalhos do arquiteto aumentaram — os trabalhos na véspera da inauguração eram tantos que ele teve de assistir aos festejos da cerimônia pela metade e depois voltar para casa devido ao cansaço.

A pressão para a entrega das obras também era grande. “Tinha muita gente trabalhando dia e noite”, lembra o arquiteto, que projetou o prédio para as caixas das registradoras da W3. Ele guarda na memória como era árduo o trabalho de concreto do Itamaraty, “à base do



feijão” — diz referindo-se ao esforço dos operários, que utilizavam carrinhos de mão para concretar o palácio. Como naquela época não havia caminhões betoneira, nem grua, era tudo feito de modo artesanal.

## O primeiro escritório

A saída do funcionário da construtora para abrir o próprio escritório, no edifício Carioca, na W3 Sul, quase dez anos depois de sua chegada, o levou a projetar inúmeras obras como a construção de uma quadra residencial inteira, a 407 e 408 Norte, onde também ergueu uma escola classe.

Além do projeto do edifício do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, Milton também assina uma das mais belas obras arquitetônicas de Brasília:

o Oratório do Soldado. A perfeição do traçado e a praticidade do projeto garantiram o primeiro lugar no concurso.

Localizado no Setor Militar Urbano, o Oratório foi concebido para funcionar como um templo ecumênico. Composto de uma nave central, uma capela batismal, um salão de festas para as cerimônias de casamento e um espelho-d'água circulante sob uma passarela, a obra é referência em Brasília e exerce forte atração turística.

Amigo de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Bruno Giorgi — que esculpiu o Meteoro e os Dois Candangos — e Alfredo Volpi, Milton soube cumprir o seu papel de pioneiro ao projetar dezenas de prédios na capital. Como ele próprio define, “o pio-

“**PARA MIM, FOI UM PRIVILÉGIO PRESENCIAR E PARTICIPAR DESSE IMPORTANTE MOMENTO DE NOSSA HISTÓRIA, ONDE TIVE A OPORTUNIDADE DE APRENDER MUITO E CONHECER PESSOAS MARAVILHOSAS**”

neiro é aquele que conscientemente produziu algo importante e útil para o futuro de uma cidade sem se valer de comodidades e outros valores”.

“Para mim, foi um privilégio presenciar e participar desse importante momento de nossa história, onde tive a oportunidade de aprender muito e conhecer pessoas maravilhosas”, declara o pioneiro.

A paixão de Milton por Brasília não diminui sua preocupação pelo crescimento desordenado da população, que o faz sentir saudades da tranquilidade dos velhos tempos. “Quando vejo a cidade se compactando sinto um certo desconforto”, afirma o arquiteto, que sempre procurou em suas obras uma busca incessante pela perfeição.

## Raio X

**Nome:** Milton Ramos  
**Idade:** 74 anos  
**Origem:** Rio de Janeiro  
**Ano de chegada a Brasília:** 1959  
**Profissão:** Arquiteto  
**Esposa:** Antonietta M.B.Ramos  
**Filhos:** Ana Cristina, Luciana e Lúcia  
**Netos:** Leonardo, Victor, Daniel, Juliana e Caroline